



FÓRUM PERMANENTE
DE DESENVOLVIMENTO
ESTRATÉGICO DO ESTADO
JORNALISTA ROBERTO MARINHO
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO DE JANEIRO



CADERNO DE ESPORTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Passaporte para a geração de atletas
e promoção do desenvolvimento

Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro
Jornalista Roberto Marinho
Presidente do Fórum e da ALERJ: Deputado Paulo Melo
Subdiretora-Geral do Fórum: Geiza Rocha

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Reitor: Ricardo Vieiralves
Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

O *Caderno de Esportes do Estado do Rio de Janeiro* é uma iniciativa da Câmara Setorial de Cultura, Turismo e Esportes do Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro Jornalista Roberto Marinho. Participaram diretamente da elaboração a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/NPROTEC

C122 Cadernos de esportes do estado do Rio de Janeiro : passaporte para a geração de atletas e promoção do desenvolvimento . – Rio de Janeiro : Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro : UERJ, 2012. 36p.

ISBN: 978-85-7511-228-1

1. Esportes e Estado – Rio de Janeiro (RJ). I. Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro. Câmara Setorial de Cultura, Turismo e Esportes.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

CDU 796:304(815.3)

Todos os direitos reservados. Os textos contidos nesta publicação poderão ser reproduzidos, armazenados ou transmitidos, desde que citada a fonte.

4 Apresentação

Construir uma base de dados e de informações, fundamentada em um trabalho de campo e no debate com especialistas. Balar ações e políticas públicas no Rio de Janeiro. Difundir o conhecimento e estimular a construção conjunta de soluções. Aproximar a universidade, o setor produtivo e o governo no estímulo ao desenvolvimento local. Estas são algumas funções do Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro Jornalista Roberto Marinho, criado pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro em 2003.

Esta publicação nasce a partir de uma série de debates iniciados após o lançamento do *Caderno de Turismo do Estado do Rio de Janeiro*, em 2010, quando a Câmara Setorial de Cultura, Turismo e Esportes definiu como meta conhecer os limites e potenciais do esporte como agente transformador não apenas do indivíduo, mas de toda uma lógica econômica e social. Nos próximos capítulos, o leitor terá acesso a uma análise que busca identificar em que patamar o estado do Rio de Janeiro se encontra hoje (mediante a análise dos 92 municípios) e qual o papel do gestor público no desenvolvimento dos potenciais encontrados.

Geiza Rocha

Subdiretora-Geral do Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro
Jornalista Roberto Marinho

Palavra do Reitor

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que compõe, juntamente com 32 entidades, o Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro Jornalista Roberto Marinho, tem participado ativamente das reflexões e proposições sobre os rumos do desenvolvimento econômico e social do Rio de Janeiro. E, a partir de pesquisas, como as que deram origem a este Mapa de Desportos do Estado do Rio de Janeiro e ao *Caderno de Turismo do Estado do Rio de Janeiro*, tem atuado para a reflexão e a elaboração de políticas públicas focadas na melhoria da qualidade de vida de nossa população.

É necessário destacar que, além da presença marcante do futebol e dos esportes praticados em quadras poliesportivas, temos a presença promissora do desenvolvimento das práticas associadas à ginástica, ao atletismo, aos esportes aquáticos, náuticos e de praia, bem como dos esportes radicais e de aventura. Estes últimos estão ligados à generosa geografia fluminense, que possibilita a sua prática e requer a sua expansão em bases sustentáveis. Apesar desta variedade de modalidades esportivas encontradas nos municípios fluminenses, é fundamental o incentivo, através de políticas públicas, à sua prática massiva, seja através da construção ou melhoria das instalações esportivas, seja da divulgação e orientação para a população.

A proximidade dos megaeventos esportivos pode servir como alavanca para esta transformação. E, neste sentido, a Universidade e o Fórum se alinham na construção deste diagnóstico. Ele serve como ponto de partida, para que a Universidade possa aprofundar o debate e contribuir, por meio de ações concretas, para o desenvolvimento econômico e social de nosso estado.

Ricardo Vieiralves

Reitor da UERJ

Palavra do presidente

O Parlamento fluminense vem, nos últimos anos, assumindo o papel preponderante no debate e na construção de políticas públicas com foco no desenvolvimento socioeconômico e na geração de renda e empregos. A participação da ALERJ na mudança da legislação tributária do estado, por exemplo, permitiu a retomada do crescimento no interior, a instalação de empresas e a abertura de novos negócios. A criação do Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro Jornalista Roberto Marinho e a participação das universidades e entidades da sociedade civil organizada no debate de propostas de fomento ao crescimento econômico consolidaram este caminho irreversível em direção à transparência, ao fortalecimento da democracia e à integração com os mais diversos setores da sociedade na construção de um estado melhor para se viver.

Temos grandes desafios pela frente. A cidade e o estado do Rio de Janeiro estão no foco do mundo, e a proximidade dos megaeventos esportivos aprofunda a necessidade de construir um legado que permita ao progresso se espalhar por todo o nosso território.

Neste contexto é que a Câmara Setorial de Cultura, Turismo e Esportes se empenhou ao longo de 2011 no estudo do setor de esportes e decidiu chamar a atenção para as suas potencialidades, com base na identificação das vocações esportivas dos nossos 92 municípios.

A partir de um trabalho minucioso da UERJ, e de uma série de apresentações realizadas por convidados presentes às reuniões mensais deste grupo de trabalho, foi elaborado o *Caderno de Esportes do Estado do Rio de Janeiro*. A publicação segue a diretriz

definida por esta Câmara desde o início de sua atuação: orientar gestores e legisladores no sentido de potencializar as vocações das cidades. E dá continuidade ao projeto *Cadernos do Fórum*, que produz, lança e distribui aos 92 municípios textos cujo objetivo é indicar caminhos e sugerir ações que tenham como norte a melhoria das condições de vida dos fluminenses.

Espero que este trabalho contribua para uma melhor gestão do esporte não apenas como atividade física, mas como dimensão do desenvolvimento, capaz de mobilizar as cidades com atividades que gerem visibilidade, dinamizem a economia, alavanquem o turismo e a educação.

Bom proveito!

Paulo Melo

Presidente do Fórum Permanente de
Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro
Jornalista Roberto Marinho

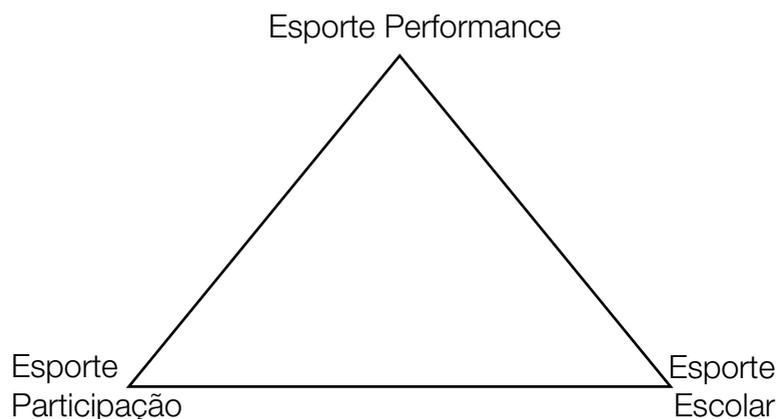
Sumário

- 10** O esporte e suas perspectivas: como um evento pode impactar uma região
- 22** Distribuição espacial das práticas desportivas do estado do Rio de Janeiro
- 34** Mapa dos desportos do estado do Rio de Janeiro
- 36** Metas e resultados esperados pela Câmara Setorial de Cultura, Turismo e Esportes

O esporte e suas perspectivas: como um evento pode impactar uma região*

*Edição da palestra realizada pelo professor Lucio Macedo em novembro de 2010 para os integrantes da Câmara Setorial de Cultura, Turismo e Esportes.

Estamos vivendo um momento significativo para o esporte em suas várias vertentes. E este fato não diz respeito somente aos grandes eventos esportivos, mas também às mudanças verificadas em decorrência disso em nossas cidades. E para que possamos entender tal poder, detalho as três vertentes que compõem a Pirâmide do Esporte Brasileiro.



No topo da pirâmide, o Esporte Performance (Alto Rendimento) tem a ver com os atletas de ponta, que enxergamos nos grandes eventos esportivos, como Copa do Mundo, Olimpíadas e, recentemente, nos Jogos Mundiais Militares – ou seja, a elite do Esporte de Competição.

Para termos no Esporte Performance um grande número de atletas que alcancem resultados expressivos, com oportunidade de serem grandes campeões, dependemos do desenvolvimento da base da

pirâmide do Esporte Brasileiro: o Esporte Participação. Aquele que todos gostamos de fazer, cujo início ocorre em clubes, associações, projetos esportivos, condomínios, várzeas, praças, parques, igrejas e demais espaços das cidades que oferecem oportunidade de iniciação da prática esportiva para crianças e jovens; e de lazer para os adultos e a terceira idade, associado ao conceito de qualidade de vida.

Dentro do Esporte Participação (Esporte e Lazer) observamos um grande fenômeno acontecendo nas cidades brasileiras, que começa com a caminhada e culmina nas corridas de rua – uma grande febre hoje. Mas tem a ver também com jogar vôlei na praia, jogar futebol, enfim, toda aquela vivência do esporte de forma recreativa, em que o lazer ativo* é o ponto principal.

A outra ponta da pirâmide é o Esporte Educacional. A educação é um direito fundamental de todos os cidadãos e um dever do Estado, como garante nossa Constituição. E o esporte é uma ferramenta educacional, pois ensina valores fundamentais como trabalhar em equipe, respeitar as regras e os adversários, se superar nas adversidades, ter autocontrole e viver em coletividade.

No Ministério do Esporte, as secretarias estão divididas exatamente com base nessas três vertentes: Secretaria do Alto Rendimento; Secretaria do Esporte e Lazer; e Secretaria do Esporte Educacional.

Além disso, há uma Assessoria Especial do Futebol, um capítulo à parte, pois se trata do único esporte oficialmente profissional do Brasil.

Se queremos ser uma potência olímpica a partir de 2016 e aproveitar esta oportunidade, que pode ser o grande legado da Olimpíada no Brasil, o que devemos fazer? Temos grandes atletas espalhados pelo país, mas que ainda não foram revelados? Com certeza. Como descobri-los e trazê-los para a prática esportiva nas 28 modalidades

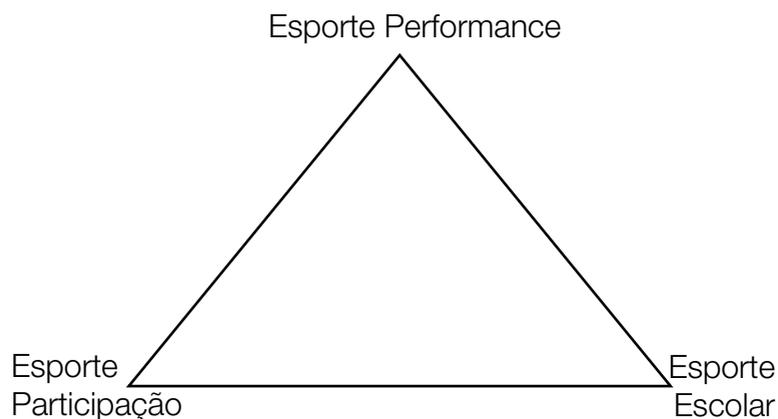
*O lazer ativo se refere àqueles indivíduos que praticam, interagem e o vivenciam. Já o lazer passivo compreende aqueles que apenas assistem ou recebem os estímulos e as informações. Com as grandes mudanças nas áreas urbanas, o indivíduo fica cada vez mais distante do acesso às práticas corporais que lhe proporcionem prazer, participando cada vez mais do lazer passivo, o que contribui para o aumento de sedentarismo, estresse e problemas cardiovasculares.

que disputarão medalhas?

Vamos citar o exemplo de um projeto recente de sucesso: quando ganhou em 2000 o direito de sediar em 2008 as Olimpíadas, a China, que na Olimpíada de Sidney conquistou uma medalha de ouro, criou um grande projeto para revelar talentos, chamado Projeto 119.

O foco do Projeto 119 era ter, nas Olimpíadas de 2008, 119 medalhas de ouro para que fosse vencedora das Olimpíadas. Como a China fez isso? Mapeou todas as modalidades olímpicas, identificou diversas modalidades individuais que proporcionavam um enorme número de medalhas, como Halterofilismo, Esgrima, Tiro com Arco, Remo, Boxe, Vela, Ginástica Artística e Ciclismo, entre outras, e as desenvolveu a partir da escola.

Quando se faz isso, se consegue ampliar a base do esporte. A pirâmide fica mais larga embaixo, o que significa que mais pessoas entraram e, com certeza, um número maior chegará ao alto nível, ao Esporte de Alto Rendimento.



Este movimento acaba se refletindo nas outras vertentes. Então, a ampliação da base do esporte faz com que mais pessoas cheguem ao Esporte Performance.

É essa visão que precisamos ter de legado. Porque, quando fa-

lamos de legado das Olimpíadas de 2016, estamos nos referindo aos legados tangíveis: Metrô, Transoeste, Transolímpica, Parque Olímpico, ou seja, todas as novas instalações ou grandes obras de mobilidade urbana que estão sendo realizadas. Na verdade, a cidade será um grande canteiro de obras. Mas qual é o legado social? É este: desenvolver uma juventude mais sadia e dar qualidade de vida à população.

Aliás, este foi um dos motivos pelos quais o Comitê Olímpico Internacional escolheu o Rio de Janeiro. Na verdade, ele preferiu o hemisfério sul e a América do Sul porque as Olimpíadas só aconteciam no hemisfério norte. E isso gera consequências e curiosidades.

Nas Olimpíadas de Pequim, o aparelho mais importante para assistirmos à Olimpíada não foi a televisão. Foi o despertador, porque todas as competições aconteciam às cinco horas da manhã. Então, éramos obrigados a acordar de madrugada, e neste processo, a maioria da juventude no hemisfério sul não pôde acompanhar, pois estava dormindo ou acordando cedo para ir à escola. O Comitê Olímpico Internacional e suas empresas parceiras perceberam que estavam perdendo o mercado de milhões de jovens.

O grande legado do Brasil será desenvolver essas duas vertentes, o Esporte Participação e o Esporte Escolar, para que possamos realmente ter o país como uma potência olímpica, com campeões nas diversas modalidades. E mais do que isso: uma geração que inclua o esporte em sua vida.

Dentro dessa visão, há quatro anos minha equipe foi convidada a dar maior visibilidade e profundidade às Olimpíadas da Baixada. O evento foi realizado pelo jornal *O Dia* desde 1997 e patrocinado pela Petrobras, totalizando hoje 13 edições*. Só que até a nona, décima edição, a visão era apenas local.

* até janeiro de 2011

14 Olimpíadas da Baixada: movimento de cidadania

Quando iniciamos a consultoria junto ao superintendente Ivan Fortes, responsável pelo Departamento de Projetos Especiais e Marketing Esportivo do jornal *O Dia*, de outubro de 2006 a setembro de 2008, atuamos em parceria com a Coordenação Geral da Olimpíada, realizada pelo professor Antonio Carlos Prazeres, na ampliação deste trabalho. Juntos, conseguimos criar uma nova visão para o evento.

Antes, os atletas que jogavam podiam vir de outras cidades e representar aquele município. Trouxemos para a Olimpíada a visão local, mostrando a importância de que ela fosse disputada por atletas e moradores locais e que estes estivessem frequentando a escola.

Neste processo, ampliamos a participação das empresas, como a Light e a Coca-Cola, e começamos a utilizar as leis de incentivo. No caso do Rio de Janeiro, a lei de incentivo do ICMS, que permite a renúncia de até 4% do imposto; e no âmbito federal, a lei nacional de incentivo ao esporte, com 1% da renúncia fiscal do valor total do imposto.

Criamos o *site* da Olimpíada da Baixada, que está permanentemente no ar em www.olimpiadadabaixada.com.br.

Esse é um evento do jornal *O Dia*, grupo que tem na Baixada Fluminense uma grande penetração, assim como o jornal *Meia Hora*, a rádio *FM O Dia*, líder de audiência e que criou toda uma história com a Baixada Fluminense.

A Baixada Fluminense é composta por 13 municípios e vai de Guapimirim a Itaguaí. São 110 quilômetros de distância entre esses municípios. Uma das dificuldades que a Olimpíada apresentava anteriormente era a de que as cidades não recebiam ônibus, não dispunham de infraestrutura de transporte. Com a atração do governo do estado e o uso da Lei do ICMS, pudemos captar recursos para contratar ônibus. Antes, não se forneciam uniformes para os atletas.

Conseguimos, além de dar os uniformes, conceder alimentação. Enfim, trouxemos para as Olimpíadas a marca de um grande evento, tanto que ganhou o prêmio Top Social de 2008 e virou referência para o Ministério do Esporte.

No *site* www.olimpiadadabaixada.com.br disponibilizamos vídeos com entrevistas de prefeitos, secretários, professores e atletas, assim como milhares de fotos referentes a todos os anos do evento.

Dentre as modalidades disputadas estão atletismo, basquete, futebol de campo, handebol, vôlei, natação e xadrez.

Um fato que surpreende muita gente é a qualidade das instalações existentes na região e daquelas que ainda estão sendo construídas. Para sediar os jogos das Olimpíadas da Baixada, a cidade tinha que dispor de ginásios em boas condições, limpeza, organização, trânsito, enfim, respeitar um edital, da mesma forma que a exigência feita a uma cidade como o Rio de Janeiro pelo Comitê Olímpico Internacional, obviamente que numa proporção menor. Mas o objetivo era despertar as cidades para aspectos como a qualidade no atendimento e a hospitalidade. Na verdade, isso tudo é geração de emprego e renda.

Com o crescimento do esporte nessa nova vertente social, sendo ela educacional ou de participação, estão sendo construídas novas vilas olímpicas na Baixada Fluminense. Isso amplia e traz investimentos externos, assim como parcerias com o governo federal. Há uma articulação, em nível político, dos seus prefeitos e deputados, para desenvolver essa vertente. E as Olimpíadas da Baixada foram um vetor de participação, de crescimento.

Pela primeira vez levamos uma olimpíada para dentro de uma universidade, a Universidade Federal Rural (UFRRJ), localizada em Seropédica. Muitos jovens nunca haviam pisado numa universidade. E, a partir daí, tiveram essa oportunidade, dentro da sua região. Ou seja, trabalhamos a aspiração destes meninos e meninas.

Para se ter uma ideia do tamanho do evento, participam dele qua-

se 3 mil atletas, com mais de 400 pessoas envolvidas na organização. Fizemos questão de que a compra dos insumos para as Olimpíadas da Baixada – ônibus, lanche, uniforme, material promocional – fosse realizada na Baixada Fluminense, porque isso acaba gerando emprego e renda localmente.

As micro e pequenas empresas que atuaram como fornecedoras também são empresas locais. E quanto mais essas atividades ganham visibilidade, mais outras iniciativas ocorrem naquela região. Todo o processo de compra para o evento dentro do jornal é feito através de licitação. Então, as empresas foram convidadas a participar de um processo licitatório, e quem as indicou foram as próprias prefeituras, pelo fato de a maioria ser de fornecedores locais que já atuam nos jogos estudantis, no campeonato de futebol ou na festa de cultura.

Não houve da nossa parte nenhuma interferência nessa questão, mas sabemos que as prefeituras incentivam os fornecedores a contratar mão de obra local, com o objetivo de reter os moradores na região, o que era claramente percebido. Muitas vezes, por exemplo, o pessoal que ia colocar faixa, ou material promocional, permanecia no evento, porque queria torcer pela sua cidade. Quanto mais eventos como esse ocorrerem, mais oportunidade e mais geração de renda haverá.

Com o avanço das Olimpíadas, criamos o *Caderno Ataque Escolar*, publicado exatamente na época e que vai encartado no jornal *O Dia*, juntamente com a cobertura das Olimpíadas da Baixada. Isso deu às Olimpíadas uma grande visibilidade, que foi percebida pelos prefeitos. Talvez este seja o primeiro veículo voltado para o esporte educacional, o esporte escolar. Ocorre que as empresas querem investir aqui, porque dá visibilidade. Conseguimos romper com o círculo vicioso da baixa divulgação e, a partir da criação deste caderno exclusivo – encartado aos domingos em *O Dia Baixada*, e às quartas-feiras no jornal *O Dia* distribuído para todo o estado –, passamos a atrair mais patrocinadores.

Contamos com a Light, e a sua visão de responsabilidade social para o projeto, e a Coca-Cola, que optou por colocar a Coca-Cola Zero, porque as classes C e D já estão preocupadas com a qualidade de vida.

Então, verificamos que, lidando com a vertente do esporte educacional, ele se reflete no marketing, no desenvolvimento dos demais vetores. Com essa grande divulgação que o jornal trouxe, as secretarias de esporte começaram a contratar profissionais de educação física para organizar melhor as suas equipes. Por quê? Porque quanto mais a equipe ganhava, mais o prefeito aparecia, e isso dava visibilidade ao município.

Outro ponto importante foi trazermos as Olimpíadas para o esporte educacional. Primeiro, a idade média dos atletas era de 21 anos. Quando entramos, ela passou a ser sub 17, necessariamente educacional, ou seja, para aquele aluno inscrito na escola. Começou-se com isso a valorizar os jogos escolares dos municípios, porque cada um prepara sua equipe baseado no garoto que está na escola. Com isso, aumentou o número de escolas participantes dos jogos escolares municipais, como uma grande engrenagem.

Para poder fazer parte dos jogos escolares do seu município, o jovem tem que estar inscrito na escola e frequentá-la regularmente, levando-o à retenção na escola. Assim, esta retenção impacta no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). A Petrobras já está preparando um estudo e talvez nos próximos cinco anos as Olimpíadas da Baixada possam ser um dos vetores de aumento de IDH na região, o que não tem preço.

Estamos falando de um investimento de realização das Olimpíadas na Baixada em torno de um milhão e duzentos reais, pelas leis de incentivo, e que gerou todo esse impacto. Se dividíssemos um milhão e duzentos por milhares e milhares de jovens, obteríamos um valor ínfimo. Aqui mesmo, no SindRio, quando cheguei para fazer a palestra, esse rapaz alto, o Ezequiel, que cuida do sistema, disse:

“Poxa, joguei por Meriti, e ganhei uniforme, que está guardado até hoje”. Isso é transformador.

Só para ilustrar: manter um interno na Instituição Padre Severino custa ao estado mil e setecentos reais por mês. Pergunto: investir nas Olimpíadas da Baixada é custo ou investimento? Investimento. Aqui lutamos para que estes jovens tenham perspectiva de vida e absorvam os valores trazidos pelo esporte.

Valores do esporte

Um dos compromissos nossos, da Rio 2016, é o desenvolvimento do “olimpismo”: dos valores sociais, morais e educacionais que as Olimpíadas trazem, que são superação, trabalho em equipe, realização coletiva, enfim, tudo o que envolve o lado positivo do esporte e é visto como uma grande ferramenta de educação. Há um compromisso assinado de que a cidade-sede tem que desenvolver a cultura do olimpismo, que preza, no fundo, a qualidade de vida e uma cultura de paz.

Este cenário do qual fiz aqui apenas um breve resumo é que precisamos vislumbrar. Temos os dois exemplos, o positivo, que é Barcelona, onde o governo transformou toda uma região e desenvolveu o esporte a tal ponto que a Espanha virou uma potência esportiva, e o negativo, que é Atenas, cujas obras viraram elefantes brancos que não são aproveitados pela população e não trouxeram nenhum desenvolvimento esportivo para a sociedade.

As Olimpíadas da Baixada são um exemplo de sucesso, que está em processo de construção. São duas visões. Como reunir parceiros para utilizar as leis de incentivo, e, segundo, a visão estratégica. Vou usar de novo o exemplo de Barcelona, que, antes das Olimpíadas de 1992, recebia 800 mil visitantes/ano. Depois das Olimpíadas, houve um salto para 18 milhões, tendo esse número se estabelecido em 12 milhões de pessoas/ano.

Os eventos esportivos são um fator de atração de pessoas na questão do turismo. Então, por exemplo, o Rio de Janeiro vai sediar as Olimpíadas de 2016. E em 2015 as 28 modalidades olímpicas terão que fazer evento-teste na cidade, que promoverá eventos esportivos. Isso vai gerar o quê? Movimento turístico. Em 2014, haverá a Copa do Mundo, e em 2013, a Copa das Confederações.

Estamos falando de um ciclo. Se pudéssemos apontar hoje os dois segmentos que se beneficiam com os grandes eventos, seriam eles o de infraestrutura e de hotelaria. Só que o de infraestrutura faz e para. O de hotelaria continua, porque estes eventos trazem uma visibilidade muito grande.

Por isso, a visão estratégica passa pela ideia de como podemos ajudar hoje as Olimpíadas da Baixada. Primeiro, fazer com que se multipliquem eventos de sucesso como esse, criar no Brasil uma cultura do esporte como desenvolvimento, como atividade econômica, como crescimento. Por quê? Porque, aí, sim, o país vai sediar sempre algum grande evento.

Outro segmento em que o Rio de Janeiro dispõe de um potencial ainda não desenvolvido é o dos esportes de aventura, na região de Petrópolis, Teresópolis, Mendes, Vassouras, em que apresenta uma linha de crescimento que pode vir a ser sede de grandes eventos internacionais. Desenvolver isso é de fundamental importância.

Em 2010 realizamos com o governo do estado e o Instituto Oi Futuro uma olimpíada chamada “AR – Ações de Rua”, que reunia skate e escalada. A escalada tem duas vertentes; uma é o desenvolvimento do esporte de aventura, porque se começa a gerar essa cultura; a outra é o fato de o funcionário ou trabalhador hoje da indústria naval que sabe trabalhar em rapel ganhar três vezes mais. Tudo isso oriundo de uma atividade esportiva.

Incentivar projetos de sucesso é muito importante. Será que não está na hora de a gente fazer uma Olimpíada das UPPs? Está aí uma

oportunidade. Quando a gente fez as Olimpíadas, elas foram consideradas um megaevento – tornou-se um capítulo de um livro do Ministério do Esporte de gestão de megaeventos no Brasil. Quais são os grandes projetos no Brasil que podem ser referência e replicados em outros locais? As Olimpíadas da Baixada são consideradas um dos grandes projetos de referência hoje para o Ministério do Esporte, porque pode-se levar o conceito para outras regiões. Por quê? É o esporte como instrumento de desenvolvimento de uma região, através da educação e da participação.

Há espaço para continuarmos nesta linha de ação. E, principalmente, termos essa visão estratégica. O esporte, hoje, realmente leva pessoas a atravessarem mundos. Um dos grandes exemplos é a corrida. Já existia um, e pouca gente sabe, que é a natação master. Quem conhece algum nadador do master sabe que o pessoal de 60, 70, 80 anos viaja o mundo todo nadando em campeonatos. O Rio tem campeões mundiais dentro da cidade; quer dizer, viajam o mundo todo.

Outra coisa que acontece são os torneios de futebol, como o dos Estados Unidos e principalmente o da Europa, na Suécia. Nos Estados Unidos é chamado de USA CUP. Estive lá em 1997. São 16 mil jovens que, no verão, vão jogar bola naquela região, quer dizer, são 800 equipes no mundo todo. Isso é outro universo do esporte; participação que a gente tem que procurar atrair para a cidade, gerando hotelaria; enfim, todo o *trade* turístico está envolvido.

Há outro ponto importante, nessa discussão, do que podemos fazer pelo Rio de Janeiro, que é a necessidade de ampliação da renúncia fiscal, do aumento dessa renúncia fiscal. A cultura já utiliza, há muito tempo, 100% da renúncia e está muito mais à frente na questão da organização das empresas que podem lançar mão da lei de incentivo.

No caso do Esporte, o uso da lei é recente. Embora tenha a mesma idade, essa lei é recente. Por exemplo, quando assumiu a Secreta-

ria de Esportes, no início de 2008, o atual prefeito fez um seminário convocando os secretários de esportes dos 92 municípios e falou: “Olha, vocês estão falando que não têm recursos. Vocês não têm recursos diretos, mas têm o recurso indireto, que é a lei. Vocês têm que saber utilizá-la”.

Então, ocorreram cursos de capacitação, divulgação sobre como utilizar, mas precisamos fazer uma grande campanha, porque hoje, se observarmos, quem utiliza as leis são as grandes empresas, as de telefonia, as concessionárias de serviço público, porque elas têm estruturas complexas. Isso envolve por parte da empresa uma questão organizacional. Realmente a lei não é para uma microempresa, para uma pequena empresa, que tem muita dificuldade, até porque muitos estão enquadrados no Simples.

Mas a gente precisa, primeiro, fazer uma grande campanha de ampliação da quantidade de empresas que podem utilizar, da conscientização de que isso é uma ação de responsabilidade social possível para eles. E, no caso do governo do estado, a partir desta ação, ampliar a renúncia fiscal, que já está chegando ao limite. Precisamos, portanto, estimular o seu uso, capacitar profissionais e fazer bom uso dessa receita.

Lucio Macedo

Diretor de Marketing da Promomax

Professor da FGV - MBA de Gestão Estratégica de

Esportes e consultor de Marketing Esportivo

Distribuição espacial das práticas desportivas no estado do Rio de Janeiro

Alexandra da Silva
 Alice Machado
 Andréa T. Acioli Ferreira
 Breno Mascarenhas
 Demetrios Sarantakos
 Gabriel Campos
 Gislaine Nunes
 Glaucio Jose Marafon
 Miguel Angelo Ribeiro
 Newton Silva
 Laura Gondim
 Luana Rodrigues
 Lucas Passos Trindade
 Luciana Almeida
 Raquel Sampaio
 Renata Silva
 Rodrigo Sampaio
 Romulo de Oliveira Costa

O presente projeto, elaborado através da parceria existente entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Núcleo de Estudo de Geografia Fluminense (NEGEF) –, a Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ) e a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), consiste em um mapeamento das práticas esportivas presentes nos municípios componentes do território fluminense.

Este estudo se mostra relevante à medida que aponta para a necessidade de se compreender a dinâmica territorial manifestada na

realidade local de cada município, que incorpora a diversidade de práticas espaciais, dentre elas as desportivas, como forma de transformação socioespacial.

A trama complexa da realidade explicita a premência de uma unidade entre as mais diversas instâncias sociais, aqui representadas pelo governo do estado (Secretaria de Esporte e Lazer), pela Assembleia Legislativa e pela Academia (NEGEF/UERJ), a fim de buscar melhor compreensão do fenômeno a ser estudado e possivelmente apontar, de forma mais clara e coerente, possibilidades reais da construção de alternativas para o maior desenvolvimento das práticas desportivas nos municípios e, conseqüentemente, no estado do Rio de Janeiro.

Partimos então em busca de uma representação do que o estado tem a oferecer atualmente em termos de práticas desportivas, para então podermos avançar em direção a uma análise desta realidade. Para isso, foi necessária a elaboração de uma metodologia e, como suporte metodológico, foram utilizadas três formas de apreensão da realidade esportiva fluminense, sendo elas: o trabalho de campo, a pesquisa em *sites* oficiais das prefeituras e o paralelo com pesquisas efetuadas pelo governo do estado do Rio de Janeiro, como o caso do Mapeamento do Esporte feito pelo Instituto Muda Mundo (2010) e pela Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer.

O trabalho de campo foi realizado no mês de janeiro de 2011 com visitas programadas aos órgãos responsáveis pelo esporte, no âmbito municipal. Foram feitas entrevistas com representantes municipais, a partir de um roteiro de perguntas preestabelecido, com questões sobre as práticas esportivas, o calendário esportivo anual e as estruturas de suporte aos eventos esportivos de seus respectivos municípios.

Em relação à pesquisa nos *sites* oficiais das prefeituras, o objetivo foi comparar as informações divulgadas com os dados obtidos durante o trabalho de campo. Foram verificadas e confrontadas a publicidade dispensada pelas secretarias municipais de esportes e a realidade espor-

tiva do município, bem como complementadas as informações dadas nas entrevistas. Destacamos que, em 46 dos 92 municípios fluminenses, existe secretaria destinada especificamente ao esporte e lazer; em 34 municípios o esporte está associado com à educação e/ou turismo, e/ou cultura; e 7 municípios contam com assessoria e 5 municípios não apresentam nenhum dirigente ligado ao esporte.

Após esta primeira etapa, a segunda fase de sua elaboração consistiu na formatação da tabela esportiva estadual e a confecção do Mapa de Esportes do Estado do Rio de Janeiro, que veremos a seguir.

Apesar do cuidado na construção da pesquisa, é sabido que existem percalços ao longo de todo o processo científico. Este projeto não escapou à regra. Dentre os principais obstáculos, destacamos as chuvas que ocorreram no início de 2011 na Região Serrana Fluminense, provocando o fechamento de órgãos municipais, assim como o recesso e a mudança de determinadas secretarias de esporte municipais em janeiro; a inexistência de domínios oficiais de algumas secretarias municipais na internet; e a falta de dados quantitativos e qualitativos referentes à lógica esportiva municipal.

As práticas desportivas no estado

Para a identificação da distribuição espacial das práticas desportivas no estado do Rio de Janeiro, foi estabelecida uma nova tipologia. Optou-se por aproximar, sob uma mesma tipologia, esportes com características semelhantes, levando em consideração os equipamentos desportivos utilizados para sua realização, como o caso dos esportes de quadra poliesportiva, esportes aquáticos etc. Sabemos das dificuldades que encontraríamos a partir deste agrupamento; contudo, devemos ressaltar que este passo contribuiu sobremaneira para o melhor entendimento do fenômeno no espaço.

No bojo desta dinâmica, o Núcleo de Estudo de Geografia Fluminense formatou a seguinte divisão macroesportiva:

1. **Ginástica e Atletismo** - Ginástica Geral, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Aeróbica Esportiva, Trampolim, Esportes Acrobáticos, Triathlon/Ironman, Atletismo, Levantamento de Peso, Pentatlo Moderno, Halterofilismo, Culturismo e Musculação, Corrida de Orientação, Patinação Artística (Gelo - Corrida - Rodas).

2. **Esportes Aquáticos/Náuticos/Praia** - Remo, Natação, Polo Aquático, Saltos Ornamentais, Nado Sincronizado, Natação Master, Vôlei de Praia, Canoagem, Vela, Surfe, Wakeboard, Prancha à Vela, Canoa Havaiana, Bodyboard, Kickboard, Pesca, Tamboréu, Esqui Aquático, Sandboard & Skimboard, Carrovelismo, Mergulho-Pesca Subaquática, Jet Ski-Moto Aquática, Acqua Ride, Boia Cross.

3. **Futebol** - O futebol foi alçado à categoria individual por ser uma prática esportiva generalizada no território nacional e, por consequência, no território fluminense.

4. **Esportes de Quadra Poliesportiva** - Basquetebol, Voleibol, Squash, Tênis, Handebol, Tênis de Mesa, Beisebol, Badminton, Futebol, Rugby, Punhobol, Flag Football, Hóquei sobre Patins.

5. **Esportes de Luta** - Esgrima, Boxe, Judô, Luta Olímpica, Karatê, Jiu-Jítsu Brasileiro, Luta de Braço, Kung Fu – Eushu, Capoeira, Taekwondo.

6. **Esportes Radicais, de Aventura e Aeroesportes** - Skate, Paintball, Zorbing, Rafting, Rally-Off Road, Tirolesa, Arvorismo, Rapel, Canionismo, Motociclismo, Corrida de Aventura, Bike Trials, Ultraleve, Bungee-Jump – Sead Drive, Trekking Enduro – Rally a Pé, Acrobacia Aérea/Aeroesporte, Balonismo, Ciclismo, Automobilismo, Bicross, Mountain Bike, Aeromodelismo, Voo à Vela, Paraquedismo, Voo Livre.

Após a coleta e o processamento dos dados, partimos em busca de uma espacialização das práticas desportivas que pudesse nos fornecer um material capaz de dialogar com a realidade de cada município, servindo como base para a elaboração de políticas públicas de incentivo ao desenvolvimento desportivo no estado do Rio de Janeiro. O objetivo é construir juntamente com o governo do estado, as secretarias de esporte e as prefeituras municipais meios para tal empreitada.

Diante disso, elaboramos um mapa dos desportos, no qual verificamos a distribuição espacial das modalidades por todo o estado. Este mapa apresenta como destaque a tipologia esportiva mais significativa para cada município, recebendo então a cor da tipologia correspondente. Contudo, observamos que, apesar de os municípios apresentarem destaque em práticas desportivas específicas, ainda assim ofereciam uma variedade de outras práticas menos representativas para a realidade do município, mas que nem por isso poderiam deixar de ser representadas. Por isso, optamos pela criação de marcas secundárias para que pudéssemos ter a dimensão real de todas as práticas desportivas desenvolvidas em cada município, ainda que de forma incipiente.

Temos, portanto, um rico material para debate que apresenta a diversidade desportiva do estado do Rio de Janeiro. Retomamos neste ponto, então, o diálogo com o trabalho desenvolvido recentemente pelo governo do estado, por meio da então Secretaria de Turismo, Esporte e Lazer do Rio de Janeiro e da Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ), em que buscavam mapear, através de ferramentas de georreferenciamento, os equipamentos desportivos nos municípios do estado do Rio de Janeiro. Nosso propósito foi buscar conjuntamente entender como se estabelece a dinâmica de distribuição espacial e desenvolvimento

dos desportos no estado e como podemos representá-la, para melhor analisá-la.

No estudo, os técnicos das instituições mencionadas registraram informações relevantes que embasaram a criação do Índice de Desenvolvimento Esportivo (IDE), cujo resultado foi o estabelecimento de um *ranking* baseado na média de desenvolvimento obtida durante as etapas do mapeamento, com a utilização de técnicas de georreferenciamento. A seguir, apontamos algumas direções que surgiram ao final da leitura do *ranking*:

- 1° a disparidade da realidade municipal, independentemente do quantitativo de habitantes de cada município e, até mesmo, da verba empregada no setor de esportes;
- 2° o bom resultado alcançado por municípios com até 20 mil habitantes, como é o caso de Santa Maria Madalena, na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro;
- 3° o baixo desempenho da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com a metrópole ocupando o 29° lugar no *ranking* em questão;
- 4° a permanente estagnação de setores desportivos em algumas regiões, como pôde ser visto no Noroeste Fluminense, salvo algumas exceções.

Traçando um paralelo com o mapeamento realizado pelo Núcleo de Estudos de Geografia Fluminense, faz-se necessário citar e explicar determinadas variáveis que podem ser relacionadas, como:

- a) a distribuição bastante diversificada de desportos pelo estado, não transparecendo qualquer unidade regional em torno das práticas desenvolvidas;
- b) a confirmação da realidade municipal expandida e consolidada dos pequenos municípios, com até 20 mil habitantes, que aponta para a importância das parcerias, da realização de eventos e das verbas empregadas por estes municípios;
- c) a necessária melhora dos equipamentos e instalações esportivas em alguns casos analisados, como a própria cidade do Rio de Janeiro,

que futuramente sediará dois eventos esportivos de grande magnitude mundial: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

O cruzamento de dados dos dois projetos complementa o entendimento da realidade do esporte no estado do Rio de Janeiro. Um dos primeiros resultados obtidos através do mapeamento dos dados foi a construção de um mapa que expõe a diversidade de modalidades de desportos no estado do Rio de Janeiro, bem como sua distribuição espacial. Apresentamos a seguir a espacialização, para abrir o diálogo com os municípios, a fim de contribuir para um melhor desenvolvimento e aproveitamento das potencialidades desportivas dos mesmos.

Através dos dados coletados e representados no mapa e na tabela, podemos sublinhar alguns elementos importantes. Em primeiro lugar o destaque que o futebol tem como prática desportiva no estado do Rio de Janeiro. Quase a totalidade dos 92 municípios oferece essa modalidade. Conseqüentemente, encontramos nos municípios campos de futebol para o desenvolvimento dessa prática. Percebemos, ainda, a relevância que os esportes de quadra como basquete, vôlei, handebol e futsal têm quando observamos a quantidade de municípios que oferecem equipamentos desportivos necessários à sua prática.

Os gráficos a seguir, por região de governo, indicam a presença por número de municípios com o desenvolvimento de práticas esportivas. Cabe destacar que a prática do futebol está presente em todo o território fluminense, bem como os associados aos praticados em quadras poliesportivas. Assim, destaca-se na Região da Costa Verde Fluminense a prática associada aos esportes radicais e aquáticos. Na Região Centro-Sul Fluminense evidenciam-se as atividades ligadas à ginástica e ao atletismo e as lutas. Nas Regiões do Médio Vale do Paraíba Fluminense, Sul Fluminense e Serrana Fluminense ocorre a presença mais intensa das práticas de atividades de esportes aquáticos e de ginástica e atletismo. Nas Regiões Norte e Noroeste Fluminense



Região Serrana



Região Metropolitana



Noroeste Fluminense



Região Sul Fluminense



Norte Fluminense



Região da Baixada Litorânea



ressaltam-se as práticas esportivas vinculadas aos esportes radicais, de aventura e aquáticos. Na Região Metropolitana, excetuando-se o município do Rio de Janeiro, que apresenta uma enorme gama de práticas esportivas, destacam-se as práticas esportivas de esportes radicais, de aventura, aquáticos, ginástica e atletismo. Os municípios dessa região são os que revelam maior número de atividades esportivas e distribuídas em todas as modalidades da tipologia.

Pontualmente, pode-se constatar que as modalidades ligadas à ginástica e ao atletismo estão presentes em muitos municípios e apresentam grande diversidade de práticas atendidas. Contudo, somente os municípios de Magé, Macuco e São José de Ubá se destacam neste segmento. O mesmo acontece com os esportes de luta como judô, jiu-jítsu, karatê e capoeira, que também aparecem com destaque em boa parte do estado, sendo a principal atividade de municípios como Japeri, Itaboraí e Cantagalo.

Verifica-se que é pequena a prática de esportes radicais, de aventura e aerodesportes. Sabemos que tais modalidades muitas vezes requerem um tipo específico de equipamento desportivo para seu desenvolvimento, o que talvez explique a carência dessas práticas nos municípios do estado do Rio. Contudo, podemos encontrá-las em municípios como Paraty, Seropédica, Campos e Cambuci.

Observa-se que em alguns municípios, como Valença, Silva Jardim e Rio Bonito, não há uma grande diversidade de modalidades esportivas, enquanto em outros como Petrópolis, Macaé e Itaperuna se constata uma maior diversidade de práticas esportivas.

As práticas desportivas ligadas ao grupo que denominamos de Esportes Aquáticos/Náuticos/Praia sobressaem nos municípios de Araruama, Cabo Frio e Rio das Ostras. Mas somente algumas modalidades neste grupo têm sido oferecidas, sendo o caso principalmente da natação e do vôlei de praia.

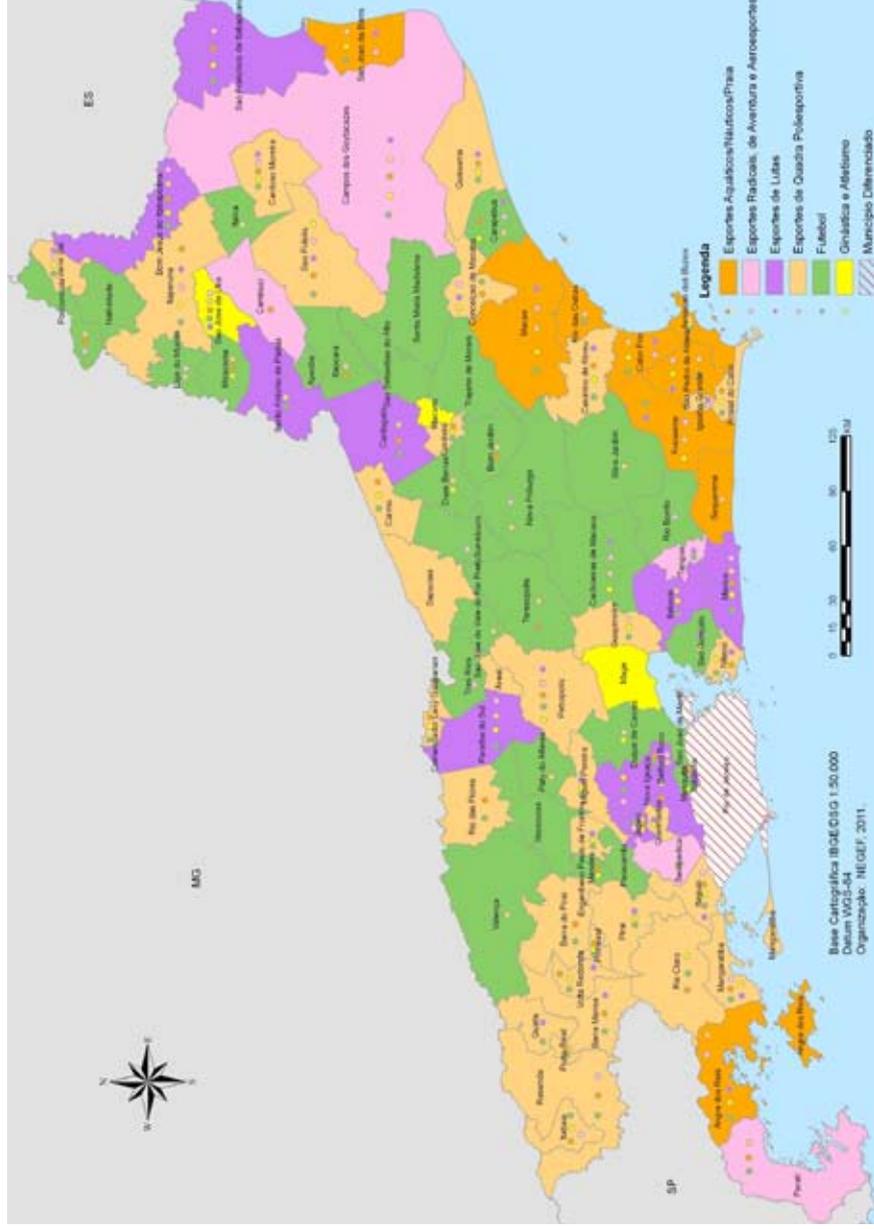
Apesar da variedade das modalidades esportivas encontradas nos municípios fluminenses, é fundamental o incentivo, por meio de

políticas públicas, da sua prática massiva, seja através da construção ou melhoria das instalações esportivas, seja da sua divulgação e orientação para a população. Essa constatação pôde ser observada na apresentação dos dados preliminares da pesquisa aos secretários municipais de esportes, em uma reunião do Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro, em dezembro de 2011.

Espera-se que, com este trabalho, possa-se dar sequência à construção de uma agenda mais efetiva, com a atualização periódica dos dados que possibilitaram a elaboração do mapa, e se explicitem as potencialidades de cada município. Espera-se ainda que se permita a interação entre eles a partir da massificação das competições intermunicipais das cidades que ofereçam as mesmas modalidades esportivas e se estimule a formação de novas gerações de esportistas.

Os gráficos nos auxiliam a perceber elementos importantes para o estudo em questão, como no caso das práticas desportivas ligadas ao grupo que denominamos de Esportes Aquáticos/Náuticos/Praia. Neste caso, embora no mapa tal grupo tenha tido destaque em vários municípios, como por exemplo Araruama, Cabo Frio e Rio das Ostras, dados nos mostram que somente algumas modalidades têm sido oferecidas, sendo o caso principalmente da natação e do vôlei de praia.

Dessa forma, entendemos que a utilização destes se revelou fundamental para uma melhor visualização dos dados coletados durante todo o processo de pesquisa e, conseqüentemente, para o resultado final que apresentamos no mapa.



DaCosta, Lamartine (org.). *Atlas do esporte no Brasil*: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005. 924p.

Instituto Muda Mundo (org.). *Mapeamento do Esporte no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1. ed., 2010. 102p.

MARAFON et al. *Regiões de Governo do estado do Rio de Janeiro: uma contribuição geográfica*. Rio de Janeiro: Gramma, 2005.

36 Metas e resultados esperados

Tendo como foco as três dimensões do esporte: o esporte performance, o esporte participação (esporte e lazer) e o esporte escolar, a Câmara Setorial de Cultura, Turismo e Esportes do Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro Jornalista Roberto Marinho sugere aos gestores públicos e legisladores as seguintes ações no intuito de contribuir para a influência do esporte no desenvolvimento local:

- fortalecimento das secretarias municipais de esportes nos municípios em que elas existem e criação de secretarias de esportes naqueles que ainda não a possuem;
- investimentos na infraestrutura e manutenção tanto das instalações esportivas quanto dos acessos a elas;
- garantia de um orçamento mínimo a ser aplicado na promoção de atividades esportivas e potencialização da captação de recursos junto ao Ministério dos Esportes e à Secretaria Estadual de Esporte e Lazer para o desenvolvimento de programas municipais;
- integração entre as vocações esportivas e os circuitos turísticos, a partir da criação de roteiros com foco nas atividades esportivas predominantes nos municípios (turismo náutico nas regiões da Costa do Sol e Costa

Verde; turismo de aventura na Região Noroeste, e assim por diante);

- promoção de competições regionais como estímulo à formação de atletas nas escolas, nos moldes das Olimpíadas da Baixada;
- formação de profissionais especializados em captação, de forma a ampliar a utilização das leis de incentivo ao esporte federal e estadual;
- promoção, por parte da Secretaria de Estado de Esportes, de editais que fomentem a realização de projetos esportivos no interior do estado, tendo como foco o aprofundamento do legado olímpico;
- criação de uma agenda de eventos esportivos estaduais, bem como sua divulgação, de forma a gerar sinergia entre os municípios;
- sinalização das instalações desportivas como forma de gerar visibilidade para a população local e os turistas.

Entidades que compõem a Câmara Setorial de Turismo, Cultura e Esportes:



